

VIDA ACADÊMICA DOS SURDOS – IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DA LIBRAS PARA OUVINTES

Autor (1); Valdenice Elaine dos Santos Clementino

valelainenice@hotmail.com

Co-autor (1); Maria Karoline Nóbrega Souto Dantas

karol_souto@hotmail.com

Co-autor (2); Lucivânia Maria Cavalcanti Ferreira

Universidade Estadual da Paraíba – cavalcanti_linda@hotmail.com

Resumo: Este artigo põe em pauta um assunto de extrema relevância no contexto educacional atual, principalmente após uma década de reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, pela Lei 10.436 de 22 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005. Este, ao regulamentar a referida lei, determinou a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores. A Educação Inclusiva tem sido um dos temas mais discutidos na área educacional na atualidade, entretanto, apenas “discutir” educação nesse processo de inclusão nada tem contribuído para a prática e as dificuldades encontradas pelos professores, nas salas de ensino formal no país (BRASIL, 2006). O presente artigo intitulado “VIDA ACADÊMICA DOS SURDOS – IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DA LIBRAS PARA OUVINTES”, apresentará alguns desafios encontrados por estudantes surdos na Cidade de Campina Grande – PB, bem como alguns depoimentos relatando a importância do ouvinte ter o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, para auxiliar os surdos em sua jornada acadêmica. Os resultados descrevem o desafio da adaptação dos sujeitos surdos a um universo majoritariamente ouvinte, as dificuldades de transitar entre a língua de sinais e a língua portuguesa, a necessidade de sempre ter um referencial para lhe apoiar, além da importância da reorganização das estratégias do professor ou interprete.

Palavras-chave: Educação dos Surdos, Dificuldades, Adaptações.

INTRODUÇÃO

Verificamos na atualidade uma contribuição e uma preocupação maior no que diz respeito às discussões e questões que envolvem e estão relacionadas a leitura, a escrita e a vida educacional dos surdos, as propostas são muitas e mesmo existindo várias barreiras e diversas dificuldades, percebemos que por menor que sejam as contribuições elas resultam em mudanças favoráveis dentro desse contexto, facilitando e auxiliando a educação voltada para os surdos.

Com a promulgação da Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002, a Libras foi reconhecida como sendo segunda língua oficial do país, todavia isso não significou a sua aplicação na

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

prática. Uma das dificuldades foi à inserção demorada e superficial dessa língua como disciplina obrigatória no currículo de formação de futuros professores. Em 2010, ocorreu a regulamentação da profissão de tradutor – intérprete (TILS), através da Lei 12.319/2010. Desde então a sociedade passou a enxergar o tradutor-intérprete como um profissional, não mais como um trabalhador voluntário. Mas, somente a presença do intérprete na sala de aula, não garante, por si só, o sucesso educacional do surdo. Trata-se de uma questão pedagógica que precisa ser repensada, pois a aula pensada para quem ouve, precisa também ser planejada, preparada e adaptada para os surdos.

Observa-se atualmente uma grande preocupação sobre esse tema, relacionado a educação dos surdos, com a perspectiva de enfatizar problemas enfrentados na educação do surdo, de como ensinar esse aluno. Muitas vezes o surdo é considerado incapaz, uma vez que não consegue estabelecer uma comunicação com outro surdo ou com um ouvinte.

Para uma coleta mais atinente de dados, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com estudantes surdos, e colhido alguns depoimentos de pessoas sobre a importância do conhecimento da Libras para auxílio das pessoas surdas em escolas e universidades.

METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2001) o estudo qualitativo trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, que correspondem à investigação de espaços mais profundos das relações, dos processos e fenômenos. Para os pesquisadores qualitativos, o significado das mensagens é a preocupação essencial. Ainda para Trivinos (1987) é o trato ali feito entre a *aparência* e a *essência* dos fenômenos, ou seja, a busca de causas da existência dos fenômenos, a procura de explicações, origem, mudanças, o acompanhamento de suas relações e o esforço de descobrir suas consequências para a vida das pessoas, no nosso caso pessoas surdas.

Desse modo, dentro da pesquisa de caráter qualitativo utilizaremos como coleta de dados a entrevista semi-estruturada com os sujeitos em questão. Em se tratando da entrevista semiestruturada, atenção tem sido dada à formulação de perguntas que seriam básicas para o tema a ser investigado (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003).

Foi utilizado também de coleta de depoimentos sobre a importância do conhecimento da língua Brasileira de Sinais para pessoas ouvintes, de forma a auxiliar melhor no dia a dia dos surdos.

Utilizando-se desses processos aprofundaremos o conhecimento a respeito do tema, auxiliando no ensino, na aprendizagem e no cotidiano desses alunos, abrindo para a possibilidade de novos debates sobre a questão levantada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No contexto educacional brasileiro a inclusão é contemplada nos documentos oficiais como:

[...] a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de espaços coletivos na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade em todas as dimensões da vida (BRASIL, 2001, p.8).

A inclusão é vista como princípio que ultrapassa o espaço escolar, envolvendo os diferentes espaços da sociedade e procurando “quebrar algumas barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados” (WERNECK apud GOFFREDO, 1999, p. 45) como as pessoas com deficiência, os negros, as mulheres, os indígenas, etc.

A surdez pode ser definida como a perda maior ou menor dos sons, comprova-se a existência de vários tipos de surdez, que variam de acordo com os graus de perda da audição e devido a causas variadas, dessa maneira a falta da audição ocasiona durante a vida do indivíduo algumas privações e dificultam alguns processos normais na vida de qualquer ser (REDONDO, 2000), porém, exemplificaremos e iremos nos deter as questões que cercam a vida educacional dos surdos.

A ausência da oralidade torna a leitura e a escrita um processo ainda mais difícil, sem o conhecimento mais detalhado da língua portuguesa o desenvolvimento desses processos é mais complicado, pois a questão da leitura e da escrita além do ensino e da aprendizagem estão totalmente interligados e um é auxílio para o outro como em qualquer outra língua.

Falando em Educação Inclusiva, o processo de integração no Brasil ficou mais em evidência a partir do ano de 1994 quando foi publicada a Política Nacional de Educação Especial, em que as pessoas com deficiência podiam frequentar o Ensino Regular. Porém, esses alunos deveriam ter condições e capacidades de seguir o ritmo dos outros alunos sem deficiência. (BRASIL, 2007). Ou seja, nesse processo os alunos com deficiência deveriam se adaptar ao regime já posto. Essa prática não visava

uma modificação no currículo escolar e nem na prática docente, os alunos apenas deveriam se enquadrar ao grupo de alunos da escola e mesmo com suas dificuldades eles deveriam acompanhar os outros alunos. Em síntese, essas pessoas deveriam se adaptar ao meio para fazer parte da sociedade. O processo de inclusão tem como objetivo construir e oferecer aos alunos com deficiências uma escola realmente inclusiva, na qual é a escola que se adapta às necessidades desses alunos. Nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, há a seguinte orientação:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (BRASIL, 2001, p.19)

Dessa maneira o processo de integração está totalmente ligado à inclusão, porém a inclusão consiste em desenvolver as aulas e adequar o processo de aprendizagem de acordo com o ritmo dos alunos com deficiência. Isso não significa fazer uma aula voltada apenas para esses alunos, mas que eles consigam participar e aprender conforme suas necessidades, da mesma maneira que os seus colegas alunos sem deficiência. Verifica-se que a sociedade brasileira possui leis e diretrizes que regulamentam e sugerem a inclusão, mas em partes, o que falta é colocar adequadamente essas leis em prática, isto é, preparar as escolas para o recebimento desses alunos. Ou seja, providenciar os meios para que haja uma inclusão de fato e não somente de direito.

Percebemos que o cotidiano dentro da sala de aula é normal como em qualquer outro ambiente escolar, porém observamos que quando a realidade é dentro de uma escola não capacitada e não preparada para receber esse tipo de aluno tudo torna-se mais complexo e nesse momento as dificuldades para ensinar e aprender surgem, então para que esse processo não seja tão complicado e constrangedor se faz necessário uma dedicação por parte dos docentes para que os conteúdos sejam repassados de maneira proveitosa garantindo a absorção e conhecimento do que está sendo repassado, porém, sabemos que os objetivos são traçados mas poucas vezes conseguimos alcançar e obter resultados satisfatórios, as lutas são diárias e constantes existindo diariamente obstáculos a serem vencidos.

Observamos alguns pontos que dificultam a propagação e o não conhecimento das línguas de sinais como por exemplo: a ausência do ensino da língua de sinais ou o ensino de maneira equivocada e isso com certeza afetará a vida dos estudantes, por esse motivo não podemos privar de ensinar ou aprender o que pertence verdadeiramente ao mundo que os cercam, devemos

começar a vê-los como seres totalmente normais, capazes de realizar muitas atividades dentro do meio social sendo a única diferença existente em relação aos outros indivíduos a ausência da fala, o respeito e a compreensão diante de qualquer dificuldade apresentada deve ser entendida e aceita como um processo natural.

Um elemento importante que contribuiria para que os processos educacionais tivessem resultados mais positivos dentro do cotidiano educacional dos surdos, seria que as instituições estivessem preparadas com professores qualificados e capacitados com qualidade para atender a demanda que aumenta constantemente, além de materiais especializados, dessa maneira esses alunos se sentiriam mais acolhidos e a escola estaria desenvolvendo seu papel e alcançando objetivos que muitos buscam e poucos conseguem, a falta de direcionamento dentro dessa área reduz as perspectivas para melhorar e desenvolver métodos para acompanhar a realidade educacional dos surdos, poucas escolas são verdadeiramente preparadas para enfrentar essa realidade e as poucas que conseguem resultados positivos alcançam após muitas lutas e muitas dificuldades.

Com as obrigações impostas pela lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), foi possível perceber que uma das tarefas essenciais para o cumprimento desta, é a formação de professores, tendo estes a obrigação de estar cientes dos procedimentos teóricos e metodológicos, objetivando que a pessoa com deficiência, seja membro integrante e valorizado em sala de aula.

A Linguagem Brasileira de Sinais – LIBRAS - permite ao surdo “falar”. O surdo utiliza a Língua de Sinais como primeira língua “falada” e a Língua Portuguesa como segunda língua, na forma escrita ou falada. Através das mãos comunica o que pensa e o que sente, este é um dos motivos pelo qual dizemos que o surdo não é “mudo”. A diferença entre o surdo e o ouvinte está na capacidade auditiva, que o surdo tem diminuída. Costuma-se dizer que o surdo fala com as mãos e ouvi com os olhos.

O Bilinguismo é um ponto de extrema importância na vida do surdo pois trata-se do processo em que o surdo adquire conhecimento a respeito da língua de sinais (libras) que após muitas lutas e processos foi considerada a língua natural dos surdos e a segunda língua deve ser a língua oral determinada pelo país em que o mesmo vive, essas descobertas foram realizadas a partir das pesquisas de Stokoe, sendo o precursor desses estudos mais precisamente nos anos de 1960.

A comunidade surda tem sua própria cultura. A cultura surda baseia-se na apreensão visual do mundo, sendo a Língua de Sinais sua

principal identificação. Por isso, participar desta comunidade é muito importante para a vida dos surdos.

Segundo Skliar (1999: 142): “A língua de Sinais anula a deficiência e permite que os surdos constituam, então, uma comunidade linguística minoritária diferente e não um desvio da normalidade”. Logo, Libras é uma língua mediadora capaz de promover a inclusão.

Algumas das dificuldades encontradas pelos surdos no meio acadêmico: segundo relatado por alguns, é a falta de políticas públicas que facilitem o acesso de Educação a todos. Existe também uma dificuldade em as escolas se aceitarem as mudanças necessárias, as soluções são evidentes, mas em sua maioria causam divergências, resistências e controvérsias. É evidente, portanto que muito ainda precisa ser feito e discutido, para que ocorram maiores avanços na Educação Inclusiva. Ainda foram relatados metodologias de ensino que não são compatíveis com o aluno surdo, falta de divulgação da linguagem de sinais, se torna um ponto muito agravante, visto que são escassos os profissionais conhecedores dessa Língua.

Foi relatado também que muitas escolas não dispõem de recursos audiovisuais – um facilitador da educação inclusiva, já que atende de forma satisfatória tanto os alunos surdos, quanto o restante dos estudantes. As vezes, os educadores não são capacitados – o que deveria acontecer de forma contínua durante o ano letivo. E o professor quando tem algum conhecimento de Libras, não possui fluência, o que dificulta a relação professor – aluno. Por vezes, o aluno com surdez sofre com a segregação gerida pela falta de comunicação existente entre ele e os seus colegas, pois os mesmos, na maioria das vezes, desconhecem a Língua de Sinais.

O que ainda acontece muito nas escolas é que devido á tradição oralista e ao que se pregou por muito tempo, muitos professores, ao receberem um aluno surdo em sala de aula, colocam-no à frente dos demais, na primeira carteira e procuram falar de frente para o aluno supondo que ele fará leitura labial e conseguirá acompanhar as aulas como os demais alunos e que irá se comunicar como os demais (MACHADO, 2008).

Segundo Ângela Maria Costa de Souza (2008), o processo de inclusão de surdos nas escolas inclusivas é muito diferente do processo de inclusão das demais diferenças, pois a surdez exclui o surdo pela língua usada na escola, sociedade, impondo assim obstáculos à realização das metas escolares.

Escolhemos para esse segundo momento dois relatos sobre a importância da pessoa ouvinte ter conhecimento da Libras, um de uma pessoa ouvinte, e outro de uma pessoa surda.

“É de grande importância que as pessoas despertem o interesse em aprender a língua de sinais, para que o surdo seja inserido na sociedade, durante toda a história os surdos foram vistos como inferiores, seres incapazes, então conhecer os surdos e a sua cultura nos faz enxergá-los de maneira igualitária, na medida que aceito a língua de sinais eu aceito também o surdo, o principal usuário dessa língua, o qual se sente estrangeiro em seu próprio país, pois poucos são os que sabem se comunicar através da sua língua – LIBRAS.” (Pessoa ouvinte)

“É importante que a comunidade de ouvintes aprender Libras, mas poderia geralmente ajudar a comunidade surda, e também facilitar a comunicação dos surdos na sociedade veja quantos surdos vai em lugares que não tem Libras pois, o mais importante é que os ouvintes saibam Libras para quebrar esta barreira e facilitar a comunicação.” (Pessoa Surda)

Percebemos que a comunicação é algo indispensável, em qualquer lugar, em qualquer língua, desde os primórdios das civilizações, cada um ao seu modo, e aqueles que não podem se comunicar do ponto de vista da ciência de forma natural, encontram outro meio para realizá-la. No caso dos surdos, como já vimos é a Libras, e eles sentem a necessidade que essa linguagem seja difundida para uma melhor interação e comunicação nos mais diversos ambientes.

CONCLUSÃO

A Libras permite ao surdo uma forma diferente de comunicação que deve ser respeitada, afinal trata-se de uma língua legalmente conhecida. Enfatiza-se ainda que é a primeira língua a ser adquirida pelos surdos, por tanto, sua difusão se faz muito necessária para que as demais pessoas tenham conhecimento da influência que ela exerce na comunicação dos surdos.

Tivemos a oportunidade de nos apropriarmos um pouco mais desse universo tão amplo, encantador e ao mesmo tempo desafiador. Muitos são os obstáculos enfrentados pelos surdos para terem uma vida mais justa e igualitária, ações, debates capacitações já existem e são de extrema importância, cabe as pessoas agarrarem as oportunidades que aparecem.

A capacitação de docentes se torna necessária e fundamental dentro do contexto educacional, os docentes necessitam de conhecimento para preparação de materiais contendo os mesmos assuntos abordados para que todos tenham conhecimento da mesma temática porém, sabemos que é necessário algumas modificações e adaptações para facilitar a compreensão dos que possuem a deficiência,

garantindo a partir desses procedimentos o mesmo conhecimento, respeitando as dificuldades de cada um.

A inclusão do aluno surdo no cotidiano e na rotina da sala de aula é necessária, porém ela precisa acontecer de maneira real e significativa para que o mesmo se sinta dentro da realidade, sendo disponibilizado espaço para que o mesmo participe de forma satisfatória, sem diferenciações.

REFERÊNCIAS

____. **Saberes e Práticas da Inclusão.** Brasília: 2006.
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>_Acesso em 15 de Fevereiro de 2018

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica** – Parecer CNE/CEB n.17/2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas.** Brasília: MEC, 2007.
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em 20 de março de 2018.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS.
<http://www.feneis.org.br>. Acesso em 20 de março de 2018.

MACHADO, L.R.S. **Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional.** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, Brasília, v. 1, nº 1, 2008.

MANZINI, E. J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada.** In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios

sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

REDONDO, Maria Cristina da Fonseca **Deficiência auditiva-**/ Maria Cristina da Fonseca Redondo, Josefina Martins Carvalho. – Brasília : MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém Mais Vai Ser Bonzinho na Sociedade Inclusiva.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.